

História do Tororó começa com holandeses

Já foi recanto pobre depois morada de figuras ilustres.
Hoje seus moradores falam em decadência

O bairro do Tororó nasceu e se criou nas imediações do dique que leva o mesmo nome — a edificação holandesa do século XVII, sobre cuja origem pairam muitas dúvidas. O bairro, porém, é bem mais recente. Os registros históricos indicam que o seu crescimento maior se deu por volta do início deste século, quando as casinhas rústicas, hortas e rocas existentes na parte alta dos morros, nas proximidades da represa, foram destruídas e em seu lugar surgiram outras mais imponentes. Algumas do tipo sobrado em estilo colonial.

Os moradores desconhecem o significado da palavra Tororó, que provavelmente está ligado ao barulho forte das águas que desciam de duas saídas do Dique do Tororó em direção ao norte da cidade, para o Rio das Tripas, e para o sul, em direção ao Rio da Lucaia. Os mais antigos recordam-se da época em que não havia asfalto no bairro, ou mesmo qualquer tipo de pavimentação por volta de 1940. Depois, dos paralelepípedos que chegaram valorizando as ruas e trazendo moradores ilustres como o desembargador Vieira Lima, que construiu uma bonita casa na rua Futuro do Tororó.

“Antes disso, era um bairro pobre”, afirma seu Agenor Calazans Silva, um ex-pagador das Docas de Salvador, que reside desde 1943 no bairro desde que se casou com a professora Nair Costa Santos Silva. Evolução maior se deu na época do governador Otávio Mangabeira, quando as ruas foram pavimentadas. Até então, o cotidiano dos moradores só era alterado pelas novenas de Santo Antônio, famosas em toda a cidade e realizadas nas maiorias das casas, durante o mês de junho. Ou ainda pelos desfiles carnavalescos no bairro que inspiraram a fundação do bloco “Apaches do Tororó”.

Um dos organizadores de carnavais passados do Tororó, o médico Anorailton Conceição Santos Silva, filho de seu Agenor, foi um dos responsáveis pelos desfiles de entidades tradicionais como os Inocentes e Progresso, que tinham passagem obrigatória pelo bairro antes de se dirigirem para o centro da cidade. Essa movimentação deu origem a uma das escolas de samba mais tradicionais de Salvador: a “Filhos do Tororó”, e, mais recentemente, ao bloco “Panela Vazia”.

Saudade dos bondes nas ruas

“Fui ao Tororó, beber água e não achei. Encontrei bela morena que no Tororó deixei”. Os mais antigos moradores não sabem de quem são esses versos decantados em todas as rodas de samba da cidade. Nair Costa Santos Silva, a primeira professora do bairro, desconhece de quem seja a autoria deles. Nem mesmo o seu pai o secretário de Educação do Isaías Alves, o inspetor Edgar Aires, sabia. Nair mora desde 1943, no Tororó, quando se casou com seu Agenor, na rua Amparo do Tororó.

Depois mudou-se para a rua Futuro do Tororó, onde conviveu com a boa vizinhança formada por pessoas como o médico e político Vieira Lima, o advogado Jaime Guimarães, o desembargador Vieira Lima — que foi secretário de Agricultura do governo de Antônio Balbino — e o doutor Ferreira Santos. A esta época as ruas já tinham calçamento, água, luz e os bondes da empresa Linhas Circulares da Bahia, que depois foram substituídos pelas lotações da SMTCC, ainda vinham até a Praça Comendador João Neiva.

“Os bondes foram retirados de circulação tão logo depois da administração do prefeito Hélio Machado”, queixa-se seu Agenor Calazans, salientando que a falta de transporte aliada à falta de acessos para o bairro como os dois grandes problemas do local. Até os assaltos que aumentaram depois da construção da Estação da Lapa diminuíram, com a instalação de um posto policial na Praça Comendador João Neiva. Mas todos são unânimes em destacar as poucas opções de entrada e saída para o bairro, sobretudo quem tem automóvel.

Serviços essenciais como a coleta de lixo regular também não faltam, embora os moradores reclamem mais containers para colocar os detritos. Apesar disso, o bairro está melhor, segundo a concepção dos mais antigos que fazem comparações entre o Tororó e o seu vizinho mais ilustre: os Barris. “Seu” Agenor, por exemplo, faz críticas ao ex-governador ACM. “O Toninho Malvadeza, que, quando jovem brincou muito no local, mas depois não fez nada pelo bairro”.